

# NOTA DE ABERTURA

ISABEL MORUJÃO E ZULMIRA C. SANTOS

*Como o que só repousa no dorso do que ousa*

Arnaldo Saraiva, «Aura»

O presente volume que agora se edita constitui uma homenagem a Arnaldo Saraiva, por altura da sua jubilação. Para assinalar essa efeméride, entendeu a Universidade do Porto, através do seu Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, organizar um Colóquio Internacional pluridisciplinar subordinado ao tema «Literatura Culta e Popular em Portugal e no Brasil», que reuniu, durante três dias (12, 13 e 14 de Outubro de 2009), um grupo alargado de estudiosos, em torno de várias áreas significativas da carreira de docente e de investigador de Arnaldo Saraiva, bem como da sua actividade literária. Do debate que marcou intensamente o Colóquio, das interrogações suscitadas pelas diferentes intervenções, da novidade aportada por perspectivas singulares de leitura aí equacionadas resultou um conjunto de artigos que constituem reescritas das hipóteses de análise então avançadas. A este conjunto inicial acresceu uma outra série de textos de investigadores que, posteriormente, quiseram aderir a esta colectânea de estudos, originando o volume que agora se apresenta e que integra também a *Bibliografia (Incompleta)* de Arnaldo Saraiva, organizada por Isabel Pereira Leite.

Os oito blocos que suportam a orgânica interna deste livro retomam a estrutura do colóquio original: Relação da Literatura com os *Media* e as Artes, Literatura Brasileira, Literaturas Orais e Marginais, Modernismo e Fernando Pessoa, Ensáismo e Crítica, Poesia Contemporânea, Tradução Poética e um apartado em torno da obra de Arnaldo Saraiva, que abrange estudos sobre a sua produção científica e sobre a sua criação literária. Esses núcleos mantiveram-se neste volume de homenagem, por constituírem, de algum modo, um sugestivo mapeamento do percurso académico e pessoal de Arnaldo Saraiva. A busca dos diálogos culturais e literários entre Portugal e o Brasil ou a atenção com que privilegiou o estudo do fluxo e do refluxo entre o cânone e a margem em muito contribuíram para (re-des)construir e repensar os conceitos de margem e de fronteira, apontando a urgência de novas abordagens e de renovados caminhos de pesquisa. Foi, de facto, entre as dobras da margem (geográfica, social ou cultural) que procurou esbater as linhas de fronteira no trânsito dos saberes, talvez inspirado no conceito de *sagarana*, o título do romance desse Guimarães Rosa que tanto ensinou e estudou: *saga*, do português, e *rana*, do tupi, no sentido de semelhante. E porque, como afirmava Heidegger, “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é onde algo começa a se fazer presente”, os estudos de Arnaldo Saraiva procuraram sempre a proximidade entre dois universos (Portugal e Brasil, texto original e texto traduzido, legitimidade e marginalidade, artes visuais e artes do tempo...), salientando a diferença que simultaneamente surpreende e aproxima.

Foram de facto inúmeras as áreas em que Arnaldo Saraiva incutiu dinamismo e deixou escola. É, aliás, significativo que, para além das aporções de muitos especialistas

com quem travou relação ao longo da sua carreira e que aqui colaboram em áreas que vão da Idade Média à contemporaneidade, da literatura ao cinema e à música, da literatura culta à popular, muitos artigos provenham de investigadores que foram seus alunos ou que são actualmente seus orientandos de doutoramento.

A edição deste volume de estudos ocorre em 2011, ano em que a Faculdade de Letras comemora cinquenta anos de existência, desde a sua segunda fundação. Arnaldo Saraiva pertence justamente ao grupo de docentes fundadores do primeiro Curso de Filologia Românica desta Faculdade (instituído no ano lectivo de 1969-70), sendo por isso muito significativo o cruzamento das duas efemérides, a que se junta ainda uma terceira coincidência. É que também neste ano de 2011 o homenageado celebra cinquenta anos sobre a sua primeira publicação em separata, um estudo intitulado «Nove temas e um exemplo para a poesia actual», a propósito da primeira obra de Ruy Belo, *Aquele grande rio Eufrates*, cujo cinquentenário de edição se celebra também este ano, e que Arnaldo Saraiva analisou ainda a partir do original dactilografado.

Nestes tempos inquietantes em que as Universidades são chamadas a dar sinal positivo da sua vitalidade, é estimulante reconhecer que é sob o signo de um extraordinário dinamismo que Arnaldo Saraiva encerra um ciclo da sua vida académica, mas não a sua fecundidade produtiva. Este é talvez o sinal que mais interpela. Afirmou Vieira que «nós somos o que fazemos. O que não se faz não existe». Pensamos que não haverá melhor testemunho da obra feita do que a existência deste volume de estudos, que reflecte, quer o pioneirismo das áreas que Arnaldo Saraiva rasgou na Universidade, quer a sua significativa repercussão ao nível dos interesses da investigação actual.

*Isabel Morujão e Zulmira C. Santos*